

## EDITORIAL

Mariana Torreglosa Ruiz<sup>1</sup>

Chegamos ao final do ano de 2020. Um ano atípico que desafiou a todos e que ficará para sempre marcado na história da humanidade. Uma doença desconhecida de proporções catastróficas, que disseminou-se em todo mundo. Sim, uma pandemia! Que permanece ainda sem respostas, sem protocolos de tratamentos específicos nem imunização em massa e, que fez o mundo parar, diante de tantos questionamentos e receios.

Em tempos de pandemia, assistimos profissionais de saúde na linha de frente, sendo aplaudidos pela comunidade, mas também, muitos adoecendo pela infecção, por condições insalubres de trabalho, outros pela saúde física e mental já esgotadas e, outros tantos, que morreram em decorrência da profissão. Vimos o deslocamento das atividades não essenciais para dentro das nossas residências, o chamado *home office*. Pesquisadores correndo contra o tempo, buscando respostas para tantas perguntas. A comunidade, muitas vezes com medo ou incrédula, em meio a esse processo, com alguns se negando a entender o que está acontecendo e contrariando as medidas preventivas e disseminando ainda mais o vírus e a desinformação.

Apesar de todas as perdas sofridas, que foram muitas – mortes, doenças, perdas de emprego e financeiras, nunca se viu um volume de pesquisas produzidas com tamanha rapidez. Afinal, queremos e precisamos de respostas!

Entretanto, ao mesmo tempo, vimos o aumento exponencial das chamadas “*Fake news*”. A disseminação de notícias falsas, que coloca em cheque a ciência produzida, a credibilidade das instituições de ensino e de saúde e, que impactam diretamente na não adesão da comunidade às medidas preventivas efetivas, tão importantes nesta pandemia.

Um estudo, a partir de dados do aplicativo “Eu fiscalizo” da Fundação Oswaldo Cruz, apontou que no período de 17 de março a 10 de abril de 2020, 65% das notícias falsas veiculadas foram a respeito de métodos caseiros e inadequados de prevenção à COVID-19; 20% noticiavam tratamentos caseiros para infecção; 5,7% tratavam-se de golpes financeiros e, mais 5% destes solicitavam arrecadações falsas para instituições de pesquisa; 4,3% vincularam o novo coronavírus a uma estratégia política.<sup>1</sup> Com esse volume de notícias falsas circulando, a população passou a desacreditar nas verdadeiras evidências científicas e disseminar com tamanha rapidez as *fake news*.

Avaliando formas como estas notícias chegam até a população, verificou-se que 73,7% são enviadas através do Whatsapp, principalmente em grupos; 15,8% pelo Facebook e 10,5% através de publicações no Instagram.<sup>1</sup>

Desta forma, atualmente, as *fake news*, assim como a pandemia, representam um sério problema de Saúde Pública, que coloca em risco a saúde da população. Mas então, como acabar com elas? Essa é uma pergunta instigadora, difícil e complexa para a mídia e toda a sociedade na atualidade. Recomenda-se que a população cheque a informação através de fontes oficiais, antes de repassar o conteúdo mas, paralelamente, é necessário que resultados de pesquisa confiáveis, chegue até a população de forma acessível, simples e gratuita.<sup>1</sup>

O termo tradução do conhecimento é utilizado para descrever a aplicação dos resultados de pesquisas científicas na vida real da população. Em geral, levam-se muitos anos, até observar na prática, a implementação dos resultados de uma pesquisa.<sup>2</sup> No entanto, nos tempos atuais, com o avanço da pesquisa e, paralelamente a disseminação de notícias falsas, é um processo que se faz imprescindível e que deve acompanhar o avanço da ciência. Traduzir o conhecimento, neste contexto, objetiva reduzir o abismo entre a ciência e a comunidade e promover hábitos mais saudáveis, pautados nas melhores evidências científicas.

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Traduzir o conhecimento científico, nos diferentes e diversos contextos de prática e, promover trocas dialógicas envolvendo profissionais, gestores, formuladores de políticas públicas, usuários dos serviços (pacientes), familiares e demais membros da comunidade interessados, é uma estratégia capaz de promover equidade e qualidade aos serviços de saúde<sup>3</sup> e uma oportunidade única para este momento de incertezas que estamos vivenciando, explorando diferentes recursos, como as mídias sociais e ambiente online (internet). É fazer com que, de fato chegue a quem precisa da informação.

Neste número da REAS, são apresentados resultados de pesquisa de abordagem quantitativa e qualitativa; com diferentes desenhos metodológicos e com ampla diversidade de público-alvo (puérperas, mulheres em idade reprodutiva; crianças e adolescentes; pacientes oncológicos; pessoas que vivem com o vírus HIV; trabalhadores da enfermagem e da nutrição e gestores municipais). A partir desta publicação e, por meio do acesso online, a REAS avança no sentido de traduzir o conhecimento para toda a população.

Desejamos a todos uma excelente leitura e que, disseminem e divulguem os resultados das pesquisas aqui apresentadas.

## REFERÊNCIAS

- 1 Galhardi CP, Freire NP, Minayo MCS, Fagundes MCM. Fato ou fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da COVID-19 no Brasil. Cad Saúde Pública [Internet]. 2020 [citado em 28 nov 2020]; 25 (Supl 2):4201-10. doi:10.1590/1413-812320202510.2.28922020
- 2 Andrade KRC, Pereira MG. Tradução do conhecimento na realidade da Saúde Pública brasileira. Rev Saúde Pública [Internet]. 2020 [citado em 28 nov 2020]; 54. doi: 10.11606/s1518-8787.2020054002073
- 3 Vieira ACG, Gastaldo D, Harrison D. Como traduzir o conhecimento científico à prática? Conceitos, modelos e aplicação. Rev Bras Enferm. [Internet]. 2020 [citado em 28 nov 2020]; 73(5):e20190179. doi: 10.1590/0034-7167-2019-0179